

Eurovisões

O Quinto Império de Fernando Pessoa — Reinare e Abdicar

BERNHARD SYLLA
(Universidade do Minho)

Utilizar-se hoje a palavra 'império' parece um pouco anacrónico. As reflexões que Peter Sloterdijk expõe no seu recentemente publicado livro, com o título *Caso Europa desperte [Falls Europa erwacht]*, demonstram, porém, o contrário: o pensamento imperialista tem permanecido até aos nossos dias uma constante categorial do ser europeu.

«Die quintessentielle europabildende Funktion besteht in einem Mechanismus der Reichsübertragung. Europa setzt sich in Gang und hält sich in Bewegung in dem Maß, wie es ihm gelingt, das Reich, das vor ihm war, das römische, zu re-inszenieren und zu transformieren; Europa ist somit ein Theater für Imperium-Metamorphosen; [...]» (Sloterdijk, 1994:34)

[A função formativa da quintessência europeia é constituída por um mecanismo de translação da ideia do Império. A Europa põe-se e mantém-se em movimento na medida em que é capaz de reencenar e transformar o império anterior, ou seja, o romano. A Europa é portanto um palco teatral propício a metamorfoses imperiais.]

Já em Fernando Pessoa se encontra a ideia de que o Império Romano desempenha uma função paradigmática na estrutura dos desejos imperiais por parte das hegemonias europeias. No seu programa do neopaganismo, o heterónimo pessoano R. Reis afirma:

«[...]; rejeitamos os imperialismos modernos, de índole católica todos — todo o sacro império romano que cada Inglaterra ou cada Alemanha ocultamente quer ser.» (PIAI:227)

E o próprio Fernando Pessoa elege no poema *O Quinto Império* da *Mensagem* a metáfora do teatro enquanto lugar da encenação da

última metamorfose imperial, o início do Quinto Império. Supõe-se que não só o repertório sofreria uma revisão como também o encenador teria de ser um outro.

Voltando a Sloterdijk: O desastre das duas guerras mundiais, afirma este filósofo-ensaísta, não contribuiu para a paralisação da 'mito-motricidade' [Mythomotorik] imperial. Retomando a definição valeriana do 'homo europaeus', como o homem na sua constante busca por máximas absolutas (o máximo de desejos, trabalho, capital, poder etc.), Sloterdijk afirma que este europeu se prepara para reiniciar o caminho do pensamento imperialista 'maximal' do qual se teria desviado após as duas guerras mundiais.

Procuram-se, por isso, visionários e visões. Nada mais fácil nem mais difícil do que isso. Com o descrédito filosófico de uma razão pretensamente universal e objectiva tem vindo a assistir-se a uma desorientação no quotidiano europeu. Porque não empregar 'treinadores europeizantes', 'managers entusiasmantes', com provas dadas acerca das suas capacidades gestoras desenvolvidas em empresas anteriormente à beira da falência, questiona-se Sloterdijk num tom cínico, já que nos seus 'treinos visionários' se produziram simultaneamente *a si mesmo*, as suas novas formas políticas e o seu futuro do mundo (Cf. Sloterdijk, 1994:56). Esta 'reprise' cínica cede ao enfático apelo para se repensar o princípio hegemonia / império, recuperando-o no âmbito duma nova metamorfose histórica, no sentido de criar uma nova matriz de Império (Cf. Sloterdijk, 1994:48).

Trata-se portanto do seguinte conjunto de questões: Será que a ânsia imperial é um elemento constitutivo da quintessência europeia, nutrida sempre de novo pelos respectivos mitos e visões, determinando assim reciprocamente a sua produção? Poderá a ânsia imperial ser pensada sob novos paradigmas? Ou será que após ambas as guerras mundiais e o muito falado colapso da razão se atingiu o ponto em que as visões já não precisam de legitimações, podendo ser produzidas enquanto material motivador arbitrariamente aplicável? É neste contexto questional que pretendo colocar as minhas reflexões sobre a visão pessoana do Quinto Império.

O mito do Quinto Império remonta ao livro bíblico de Daniel. No cativo babilónico Daniel exerce a função de vidente pessoal de Nabucodonosor. Este sonha uma noite com uma estátua

«[...] que tinha uma cabeça de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre e as ancas de bronze, as pernas de ferro, os pés metade de ferro e metade de barro.» (Dan. 2,31-33)

A estátua, atingida por uma pedra, desfaz-se em pó, subsiste a pedra que se transforma numa alta montanha, enchendo toda a terra. Daniel interpreta este sonho equiparando o império de Nabucodonosor à cabeça de ouro, a que em ordem descendente seguiriam impérios menores, até surgir, depois da aniquilação de todos os impérios, o eterno Quinto Império (Dan. 2, 36-45). Esta interpretação visionista de Daniel seria de seguida aproveitada e modificada para fins especialmente nacionalistas não só por parte dos hebreus como também, a partir de mais tardar do século XVI, pelos portugueses (Cf. Quadros, 1981/82: I, 23ss. e II, 146ss.).

Pessoa, consciente da origem do mito, projecta mais do que uma genealogia dos impérios. De menor interesse para ele são os chamados impérios materiais (SP:247), sob outros critérios de classificação, também denominados de impérios dominadores, impérios de expansão ou hegemónicos, centrando-se sua atenção sobretudo nos 'impérios espirituais' cuja genealogia Pessoa faz remontar à antiga Grécia:

«Nessa figuração tradicional, é este o seguimento dos impérios: o Primeiro é o da Babilónia, o Segundo o Medo-Persa, o Terceiro o da Grécia e o quarto o da Roma, ficando o Quinto, como sempre, duvidoso. Nesse esquema, porém, que é de impérios materiais, o último é plausivelmente entendido como sendo o Império da Inglaterra. Desse modo se interpreta naquele país; e creio que, nesse nível, se interpreta bem.

Não é assim no esquema português. Este, sendo espiritual, em vez de partir, como naquela tradição, do Império material da Babilónia, parte, antes, com a civilização em que vivemos, do império espiritual da Grécia, origem do que espiritualmente somos. E, sendo esse o Primeiro Império, o Segundo é o da Roma, o Terceiro o da Cristandade, e o Quarto o da Europa — isto é, da Europa laica de depois da Renascença. Aqui o Quinto Império terá que ser outro que o inglês, porque terá que ser de outra ordem. Nós o atribuímos a Portugal, para quem o esperamos.» (SP:247)

Neste texto de 1934 está ainda latente a tematização da relação concorrencial entre os impérios português e britânico. No entanto, nesta passagem citada Portugal é, pela dissemelhança dos esquemas e a preeminência da escala espiritual sobre a material, desvinculado de qualquer verdadeira competição, apesar de também Pessoa nem sempre o ter visto como sendo uma evidência. Pessoa, que viveu e escreveu entre duas culturas, a anglosaxónica e a portuguesa, que, por um lado, cultivava uma grande admiração pela literatura anglosaxónica e, por outro, não podia deixar de ignorar a hegemónica posição política da Inglaterra em relação a Portugal — não será, pois, por acaso que o manifesto de Álvaro de Campos se intitula de

Ultimatum — reconheceu, também no que concerne outros aspectos, várias situações concorrenciais entre Portugal e a Inglaterra. A viragem para a ênfase da espiritualidade inerente ao Quinto Império e a conseqüente despotencialização desse conflito ou, dito de outra forma, o realçar da superioridade portuguesa, tornou-se, desde os anos vinte até à morte física de Pessoa, cada vez mais patente.

Em 1919, um ano após o assassinato do «presidente-rei» Sidónio Pais, por Pessoa muito estimado e em quem depositara grande esperança, o poeta ainda se mostra muito preocupado pelo rápido desenvolvimento *material* de Portugal, exigindo publicamente na revista *Acção* uma sistemática industrialização do seu país. Quando — certamente um pouco mais tarde — reflecte sobre as «capacidades imperiais» (SP:229) das línguas, isto é, sobre as capacidades destas para assegurar o mais elevado grau possível de influenciação cultural, as línguas inglesa e portuguesa confrontam-se no «duelo dos poderosos», no «conflito [—] entre pares» (SP:228). Decisivo para aquela viragem no sentido de uma acentuação da significação espiritual do mito do Quinto Império é o facto de este ser entrelaçado por Pessoa, de modo cada vez mais intenso, com o mito sebastianista.

O corpo do jovem D. Sebastião, caído na batalha de Alcácer-Quibir aos 24 anos de idade, nunca foi encontrado. Constituiu-se assim o terreno fértil para a construção do mito do Rei Desaparecido. À semelhança do destino dado ao corpo do Rei Artur também D. Sebastião teria sido transferido para a Ilha dos Afortunados donde um dia iria ressurgir das névoas como redentor do seu povo. Ele é chamado o Encoberto, o Desejado, e visto como o iniciador do Quinto Império. É neste sentido que Fernando Pessoa especula intensa senão mesmo excessivamente.

Não crendo obviamente no regresso físico do rei, em todo armamento e montando o cavalo branco, tratar-se-ia antes de um retorno em vias de metempsicose:

«A alma é imortal e, se desaparece, torna a aparecer onde é evocada através da sua forma. Assim, morto D. Sebastião, o corpo, se conseguirmos evocar qualquer cousa em nós que se assemelha à forma do esforço de D. Sebastião, ipso facto o teremos evocado e a alma dela entrará para a forma que evocámos. Por isso quando houverdes criado uma cousa cuja forma seja idêntica à do pensamento de D. Sebastião, D. Sebastião terá regressado, mas não só regressado modo dizendo, mas na sua realidade e presença concreta, posto que não fisicamente pessoal. Um acontecimento é um homem, ou um espírito sob forma impessoal.» (SP:196)

É nesta perspectiva que deve ser visto o estabelecer de uma relação entre os espíritos de D. Sebastião e da Época das Descobertas; com a morte do Rei, Portugal iria perder durante sessenta anos a sua independência em relação à Espanha. Isto significaria o fim dessa grandiosa era, dessa 'Época de Ouro' dos portugueses. Assim, Pessoa realça o grande significado das Descobertas,

«Portugal surgiu definitivamente na civilização europeia pelas descobertas, e as descobertas são um acto cultural; mais que um acto cultural, são um acto de criação civilizacional. Criámos o mundo moderno; porém a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia de descoberta.» (SP:223),

esperando, num texto de 1934, as «Novas Descobertas» (SP:255) do Quinto Império. Por outro lado, conforme o que já aqui foi insinuado, F. Pessoa parece ter duvidado a diversos níveis das capacidades da nação portuguesa para efectuar essa ressurreição. Num fragmento textual, intitulado pelos editores *A Fraqueza do Sebastianismo Tradicional*, o poeta apela a todos os portugueses:

«O Encoberto é o representante maximo do Quinto Império; é o emissário maximo das forças spirituaes que hão de crear tal Império. Como podemos esperar que elle venha se não creamos primeiro as forças que, por sua vez, a elle o hão de crear?»

E essas Forças são a ansia de dominio, e a tensão de todas as potencias da alma em torno d'essa ansia. Deve cada um de nós fazer por em si realizar o maximo que pode de semelhante ao Desejado. A somma, a confluencia, a synthese por assim dizer carnal d'essas ansias será a pessoa do Encoberto.» (PI:228)

A esta espécie de evocação junta-se, no entanto, um profundo descontentamento, visto que ainda no mesmo texto se pode ler:

«O maximo que um grande homem pode ser é um estimulador de almas, um dispertador de energias alheias. Salvar um homem a um povo inteiro — como o poderá fazer, se esse povo inteiro não fizer por salvar-se — isto é, se esse povo inteiro não quizer ser salvo?» (PI:228)

Este fragmento é um daqueles encimados pela indicação *Bandarra*. Foram as profecias intrinsecamente simbólicas desse sapaiteiro Bandarra acerca do Quinto Império, oriundas do século XVI, que conferiram às especulações pessoanas um novo sentido, já que levaram Pessoa a reflectir sobre as possíveis datas do surgimento do Quinto Império. Após longos e complexos cálculos, uma das datas coincide com a data de nascimento de Pessoa, o que parece ter confe-

rido à visão do Quinto Império uma nova dimensão. Pessoa passa a identificar-se com o papel do iniciador desse mítico império como umas das formas possíveis da ressurreição de D. Sebastião. Não é possível fixar com exactidão o momento desta viragem, podendo-se porém suspeitar de que terá surgido mais tardar em 1925 (Cf. SP:54s.).

Até aqui tenho-me orientado basicamente pelos resultados das investigações de Joel Serrão sobre o Pessoa 'nacionalista', apresentadas na sua introdução à edição dos fragmentos pessoanos *Sobre Portugal*. Por muitos investigadores — sobretudo os estrangeiros — o Pessoa 'nacionalista' ou 'sociológico' é rigidamente separado do Pessoa poético. O primeiro é tratado de forma sucinta e lapidar — quase que como crendo desculpar o 'poeta' Pessoa¹, enquanto o segundo é muito apreciado e estimado. Esta dissociação dos dois Pessoas não corresponde de todo à minha perspectiva, já que existem vários argumentos a contrapor.

Retomemos a concepção pessoana da visão do Quinto Império acima mencionado. Após esta viragem decisiva, Pessoa passa a ver-se a si mesmo como encenador do teatro mundial, como criador do novo império. Este papel de criador já o tinha desempenhado anteriormente. Já nos fragmentos estético-teóricos anteriores a 1925 se podem detectar elementos estruturais da visão do Quinto Império.

Vejamos a resposta do poeta à pergunta sobre os desígnios da revista *Orpheu* em 1915:

«— O que quer *Orpheu*?

— Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço. A nossa época é aquela em que todos os países, mais materialmente do que nunca, e pela primeira vez intelectualmente, existem todos dentro de cada um, em que a Ásia, a América, a África e a Oceânia são a Europa, e existem todos na Europa. Basta qualquer país europeu — mesmo aquele país de Alcântara — para ter ali toda a terra em comprimido. E se chamo a isto *europeu*, e não americano, por exemplo, é que é a Europa, e não a América, a *fons et origo* deste tipo civilizacional, a região civilizada que dá o *tipo* e a *direcção* a todo o mundo.

Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente desnacionalizada — acumular dentro de si todas as partes do mundo. Só assim será tipicamente moderna. Que a nossa arte seja uma onde a dolência e o misticismo asiático, o primitivismo africano, o cosmopolitismo das Américas, o exotismo ultra da Oceânia e o maquinismo

¹ Veja-se por exemplo o comentário do tradutor Reinold Werner de *O Banqueiro Anarquista* (do Português para o Alemão) in: Fernando Pessoa, *Der anarchistische Bankier*. Frankfurt/M. 1994, p.75.

decadente da Europa se fundam, se cruzem, se interseccionem. E, feita esta fusão espontaneamente, resultará uma arte-todas-as-artes, uma inspiração espontaneamente complexa...» (PIAI:113ss.)

A exigência desta «arte-todas-as-artes» iria ser cumprida pelo próprio Pessoa, ou melhor, não só por ele mas também pela geração dos poetas heterónimos e semi-heterónimos por ele criados. Desta despersonalização, desta fragmentação em diversos heterónimos iria brotar, como é sabido, uma verdadeira 'fonte luminosa' de poesias de correntes estilísticas diversas: futurismo, simbolismo, interseccionismo, paulismo, cubismo etc.

Álvaro de Campos, por exemplo, junto à barra do Tejo, transforma o decadente maquinismo europeu à maneira grandiosa numa super-orgia sincrética de corpo, máquina e espírito. «De costas para a Europa, braços erguidos, fitando o Atlântico e saudando abstractamente o Infinito» (U 130), Álvaro de Campos aspira — no seu *Ultimatum* de 1917 — a uma nova Europa que sintetize o mundo, uma Europa que substitua, tanto do ponto de vista literário como político, o velho continente em decadência.

Trata-se de uma espécie de ser, nomeadamente de um ser criador e europeu. A um nível poético-teórico o novo ser criador reflecte-se na frase «Sentir é Criar» sob o conceito do sensacionalismo, imposto aos outros 'ismos', constituindo como que um conceito genérico superior. De acordo com esta concepção, o ser mais criativo é precisamente aquele que é capaz de sintetizar e expressar a pluralidade de todo o sentir e pensar de todos os seres humanos.

Na criação de toda uma geração de poetas, de toda uma gama de correntes artísticas assim como também, conforme se poderá verificar no excerto que se segue, datado de 1923, na visão de uma Europa que sintetiza todo o mundo com todos os seus deuses e religiões, Pessoa prossegue o programa utópico do seu heterónimo Álvaro de Campos: o novo Super-Homem europeu deveria ser, simultaneamente, super-completo e super-completo.

«— O Quinto Império. O futuro de Portugal — que não calculo, mas sei — está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português, pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguesesmente no Paganismo Superior? Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que

conquistemos o Céu, ficando a Terra para os Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa! Criemos assim o Paganismo Superior, o Politeísmo Supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade.» (SP:245s.)

Do que até aqui se tem vindo a expor pode deduzir-se que a programática visionária de Pessoa se sustenta numa analogística estrutura antinómica que remonta aos tempos da *Orpheu*. Esta pode ser esquematizada da seguinte forma:

ANTINOMIA

		Omnipotência (Tudo) (Criar)	Auto-diluição (Nada) (Negar)
A			
N	Pessoa	ser todos os poetas	despersonalizar-se
A			
L	Portugal	ser todas as nações, ser a Europa, ser o mundo	desnacionalizar-se
O			
G			
I	Deus /	Paganismo superior,	eterna mentira de todos os deuses,
A	Religião	Politeísmo, síntese de todos os deuses	marcha fúnebre do erro e da ilusão, 'desdeusamento'
		Reinar	Abdicar

- Pelos seus heterónimos, Pessoa constitui uma espécie de 'poeta-todos-os-poetas', caindo, no entanto, e precisamente por isso, num processo de despersonalização.
- Portugal deverá tornar-se a nova Europa, deverá sintetizar todo o mundo em si, caindo, no entanto, num processo de desnacionalização.
- Todos os deuses deveriam sintetizar-se num politeísmo superior, sendo porém desdeusados como mentira.

Pessoa desenvolve, em fases diferentes e campos diversos da sua criação, esta antinomia de onipotência e auto-diluição. O atributo divino da onipotência manifesta-se na dita qualidade da criação. Criador não é apenas o poeta capaz de sentir tudo, segundo Pessoa

também o teriam sido os portugueses nas suas características de descobridores ou de descobridores do descobrir:

«Portugal surgiu definitivamente na civilização europeia pelas descobertas, e as descobertas são um acto cultural; mais que um acto cultural, são um acto de criação civilizacional. Criámos o mundo moderno; porém a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia de descoberta; ...» (SP:223)

Seguindo esta lógica, também a Europa tem de comportar em si esta característica. A Europa — assim afirma Álvaro de Campos:

«...tem sede de que se crie, tem fome de Futuro! A Europa quer grandes Poetas [...] A Europa quer passar de designação geográfica a pessoa civilizada.» (Ult:120s.)

Aqui não se expressa apenas a reivindicação de um acto de criação divina, revela-se, na equação 'Europa = pessoa civilizada', quase que uma espécie de um curto circuito silogístico, entrelaçando as visões do poeta ideal, do Portugal ideal e da Europa ideal. Esta equação, que Campos vocifera, à maneira extático-futurista, sobre a Europa decadente, iria de facto marcar, poucos anos depois, os contornos da concepção visionária de um 'Portugal-Europa' que se irão confundir com a auto-estilização de Pessoa como Imperador-Poeta do novo império.

Esta fusão visionária 'Pessoa-Portugal-Europa' engloba a redentora função sebastianista e messiânica, uma tendência para a megalomania e o monumental, senão mesmo para o totalitarismo. Este edifício monumental absorve todos os anteriores, mas também os dissolve, fazendo lembrar o sonho bíblico de Daniel em que a onnipresença (a pedra enchendo toda a terra) e a aniquilação (da estátua) são de um significado capital, legitimando assim implicitamente a sua reivindicação messiânica. Porém, o aspecto totalitário desta visão sofre um processo de auto-anulação.

A estrutura antinómica, ou seja, a dialéctica negativa de presença central em toda a obra de Pessoa não só está *inerente* à visão do Quinto Império como também lhe opõe, a partir do '*exterior*', contrapontos.

Neste sentido, não surpreende o facto de Pessoa fazer desvanecer a sua própria versão monumental do Quinto Império. Bernardo Soares afirma no *Livro de Desassossego*:

«As guerras e as revoluções — ha sempre uma ou outra em curso — chegam, na leitura dos seus efeitos, a causar não horror mas tédio. Não é a crueldade de todos aquelles mortos e feridos, o sacrificio de

todos os que morrem batendo-se, ou são mortos sem que se batam, que pesa duramente na alma; é a estupidez que sacrifica vidas e haveres a qualquer coisa inevitavelmente inutil. Todos os ideaes e todas as ambições são um desvairo de comadres homens. Não há imperio que valha que por elle se parta uma boneca de creança. Não ha ideal que mereça o sacrificio de um comboio de lata. Que imperio é util ou que ideal proficuo?» (LdD: II,154)

Num outro fragmento do mesmo livro, o paganismo superior propagandeado como síntese religiosa torna-se o desfile da marcha fúnebre do erro e da ilusão. A mistura, os cruzamentos absolutos e a intersecção não constituem aqui critérios da onnipotência, sendo antes indícios dum questionamento fundamental da existência:

«Tudo se mistura e se cruza, e não ha verdade senão no suppo-la. Tantos nobres ideaes cahidos entre o estrume, tantas ansias verdadeiras extraviadas entre o enxurro! Para mim são eguaes, deuses ou homens, na confusão prolixa do destino incerto. Desfilam-me, neste quarto andar incognito, em successões de sonhos, e não são mais para mim do que foram para os que acreditaram nelles. Manipansos dos negros de olhos incertos e espantados, deuses-bichos dos selvagens de sertões emmaranhados, symbolos figurados de egypcios, claras divindades gregas, hirtos deuses romanos, Mithra senhor do sol e da emoção, Jesus senhor da consequencia e da caridade, criterios varios do mesmo Christo, santos novos deuses das novas villas, todos desfilam, todos, na marcha funebre (romaria ou enterro) do erro e da illusão. Marcham todos, e atras delles marcham, sombras vazias, os sonhos que, por serem sombras no chão, os peores sonhadores julgam que estão assentes sobre a terra — pobres conceitos sem alma nem figura, Liberdade, Humanidade, Felicidade, o Futuro Melhor, a Sciencia Social, e arrastram-se na solidão da treva como folhas movidas um pouco para a frente por uma cauda de manto regio que houvesse sido roubado por mendigos.» (LdD: II,155s.)

E nem o seu próprio sebastianismo é poupado ao auto-desvanecimento pessoano. Numa carta de 13 de Janeiro de 1935, destinada a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa desvaloriza o seu sebastianismo como sendo apenas *uma*, porventura menos importante, faceta da sua obra poética (Cf. PDE:194s.).

É assim que Pessoa se auto-representa como criador de negação. A verdade já não é composta por todos os deuses; estes são antes o erro e a ilusão. O império sublime surge no e com o abdicar da messiânica reivindicação redentora, o potencial redentor vira as costas à humanidade. No fragmento com o título *Estética da abdicação* pode ler-se:

«Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grossaria. Os vencedores perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta

que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue. Só é forte quem desanima sempre. O melhor e o mais púrpura é abdicar. O império supremo é o do Imperador que abdica de toda a vida normal, dos outros homens, em quem o cuidado da supremacia não pesa como um fardo de jóias.» (PIAI:63)

Na estética da abdicação, o acto de abdicar é a consequência da consciência duma dialéctica negativa que rege o mundo. Este movimento de fuga em si é estetizado, tornando-se assim simultaneamente numa fuga para o reino do estético.

Esta dá-se, no poema *Abdicação*, na antecâmara dum palácio imaginado. As esporas e a cota de malha ficam pela fria escadaria, e o rei, abdicando, anseia por cair nos braços da noite eterna (Cf. Carta a Mário Beirão de 1 de Fevereiro de 1913). O filósofo António Mora vê na busca das mais elevadas formas de repouso uma característica peculiar da evolução humana. A arte, afirma Mora, é o modo sublime de repouso, é o sono das civilizações (Cf. TF I,7-11). O próprio Mora encontra o seu repouso no manicómio de Cascais onde, vestido de filósofo grego, vai devaneando ao encontro dos seus sonhos.

No reino do estético o poeta é demiurgo da ficção, na abolição da verdade e da mentira. Mesmo assim, Pessoa não deixa de conceber esta fuga de forma a não escapar à dialéctica negativa, pensando-a em simultâneo também como não-fuga. A forma superior da arte é vivida no manicómio, o abdicante anseia pela escuridão, pelos braços da noite, metáforas que em si evocam a não-saída, o hermetismo, a inevitabilidade da errância que parece vir sempre ao de cima, como se fosse impossível atingir o além da verdade e do erro.

Nem sequer a eremitagem estética e filosófica constitui um ponto de repouso, já que se mantém numa dilemática suspensão de uma intransponível dialéctica negativa do ser. Esta eremitagem não significa nem uma retirada para um ponto arqui-médico da crítica, nem se trata de um filosofar dialéctico-negativo — como por exemplo Adorno posteriormente o desenvolveria — em que o pensamento se opõe à verdade em si mesmo inextermínável, num poderoso 'todavia', numa reacção de desespero, de resistência e sofrimento. Apesar de também se poder atribuir a Pessoa enquanto poeta um poderoso 'todavia', esgota-se, por assim dizer, a dialéctica negativa dele e adquire contornos poéticos: Pessoa projecta sonhos totalitários para de seguida, sonhando, os dilacerar, um procedimento que num contexto temporal do modo de filosofar adornoiano se torna impossível.

Esta tonalidade ambivalente, antinómica do 'discurso poético' de Pessoa caracteriza também a sua 'eurovisão', que é, ao mesmo tempo,

visão imperial, no sentido de uma visão toda poderosa, e anti-visão. Por isso, esta eurovisão remete, por um lado, dum modo poético-ficcional, para o inevitável abismo da nossa condição humana, ou europeia, para as nossas fantasias de poder e, retomando Sloterdijk, para a nossa mito-motricidade orientada por uma aspiração maximalista, sem contornar o 'erotismo' inerente a esta motricidade. Por outro lado, ao erotizar a impotência, o desfalecimento, a abdicação, a retirada, fornece uma espécie de antídoto estético para essas fantasias de poder.

A eurovisão pessoana pratica a 'multiperspectividade', exaltando-a, no entanto, até à perda do próprio ser. Neste sentido, pode ainda servir-nos como reflexão ainda pertinente no que concerne as questões de uma Europa cuja autognose está ainda longe de se ter constituído.

BIBLIOGRAFIA

A. Obras de Fernando Pessoa

(As siglas utilizadas no texto são, nos respectivos casos, apresentadas em parênteses junto às referências bibliográficas)

- PESSOA, Fernando: *Der anarchistische Bankier*. Aus dem Portugiesischen übersetzt und mit einem Nachwort versehen von Reinold Werner. Frankfurt/M.: Fischer, 1994.
- PESSOA, Fernando: *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. II Volumes. Recolha e transcrição dos textos por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização por Jacinto de Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982 (= LdD).
- PESSOA, Fernando: *Mensagem* e outros poemas afins. Introdução, organização e bibliografia de António Quadros. 2.^a ed., Mem Martins: Publicações Europa-América, 1985.
- PESSOA, Fernando: *Páginas de Doutrina Estética*. Selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena. 2.^a ed., Lisboa: Editorial Inquérito, 1946 (=PDE).
- PESSOA, Fernando: *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto de Prado Coelho. 2.^a ed., Lisboa: Ática, 1973.
- PESSOA, Fernando: *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto de Prado Coelho. 2.^a ed., Lisboa: Ática. (=PIAI)
- PESSOA, Fernando: *Pessoa Inédito*. Orientação, coordenação e prefácio: Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993 (=PI).

- Pessoa, Fernando: *Sobre Portugal*. Introdução ao problema nacional. Recolha de Textos: Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1979 (=SP).
- Pessoa, Fernando: *Textos Filosóficos*. II Volumes. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa: Ática, 1968 (=TP).
- Pessoa, Fernando: *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Recolha de textos: Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização: Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1980 (= Ult).

B. Outras obras

- VAN DEN BESSELAAR, José: *O Sebastianismo — História sumária*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1987.
- Bíblia Sagrada*. Versão dos textos originais. 9.^a ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 1981.
- QUADROS, António: *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*. II Volumes. Lisboa: Edições 70, 1981ss.
- SLOTERDIJK, Peter: *Falls Europa erwacht. Gedanken zum Programm einer Weltmacht am Ende des Zeitalters ihrer politischen Absence*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1994.